



Secretário-geral comunista exige esclarecimento cabal sobre caso dos 'swap'

“Se mentiu, não tem condições para continuar”

CDU. Jerónimo, em campanha pelo distrito de Santarém, condenou “ataque” ao sector ferroviário e pediu apuramento da verdade sobre intervenção de Maria Luís Albuquerque

OCTÁVIO LOUSADA OLIVEIRA

Dia mais calmo na campanha da CDU para as eleições autárquicas. Depois de uma jornada bastante movimentada no distrito de Lisboa, Jerónimo de Sousa esteve ontem ao lado dos candidatos da coligação às autarquias de Santarém, onde exigiu um esclarecimento cabal sobre a intervenção da ministra das Finanças (ver pág. 20) no caso das *swap*.

O secretário-geral do PCP sustentou que se Maria Luís Albuquerque “validou, como técnica superior, um negócio que foi desastroso para o País” e “mentiu na comissão parlamentar de inquérito” “não tem condições no plano ético e político” para continuar em funções.

Isto à tarde, na Chamusca, antes de intervir perante cer-

ca de 70 pessoas, junto ao coreto da cidade. Mais cedo, no Entroncamento (onde o PSD goza de maioria absoluta no executivo camarário), Jerónimo de Sousa almoçou com 100 apoiantes, maioritariamente trabalhadores (ou reformados) do sector ferroviário. Ali ouviu alguns testemunhos sobre aquilo que no discurso classificou como uma “ofensiva brutal” aos serviços públicos de transportes e respetivos funcionários.

“Num balanço das duas últimas décadas, aquilo que verificamos é que o sector ferroviário foi alvo de um processo destrutivo. Um desmembramento, um desmantelamento, em nome de uma reestruturação que nunca se verificou. O objetivo central foi sempre liquidar postos de trabalho, direitos e abrir portas a privatizações”, frisou.

Por outro lado, recordou os contactos que efetuou “no plano sindical” com trabalhadores da área quando integrou o Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa – foi afinador de máquinas na Fábrica de Aparelhagem Industrial –, testemunho que David Ribeiro, que também desenvolve atividade nessa esfera e agora se candidata ao Município do Entroncamento, confirmou.

“O meu camarada Jerónimo não precisa de nenhuma informação sobre a situação dos trabalhadores ferroviários porque desde os tempos como dirigente sindical acompanhou o sector, inclusivamente ao meu lado. Trabalhamos juntos há 30 anos e há 35 que lida com estas questões”, disse o candidato ao DN, denunciando que só nos últimos dois anos mais de 200 funcionários deixaram a Empresa de Manutenção de



TONY DIAS / GLOBAL IMAGENS

Equipamento Ferroviário (EMEF), responsável pela “saúde” de parte do material circulante da CP, muitos dos quais por “rescisões forçadas” e que caíram, depois, no desemprego.

A “queixa” sobre a extinção de postos de trabalho, enfatiza, ganha particular importância quando 33% da população local vivem (ou têm família) do trabalho ferroviário e atendendo também a que a “reconversão profissional de serralheiros, torneiros e mecânicos”, com uma certa idade, está longe de ser fácil.

Por isso, lembrou também as várias jornadas de luta ao lado de Jerónimo de Sousa, quando ainda era chefe de plataforma na estação de Santa Apolónia, em Lisboa: “Era chefe e sindicalista em simultâneo. Em dias de greve, como estava incumbido de falar à comunicação social, não respondia como grevista, mas puxava a brasa à nossa sardinha. A empresa na altura valeu-se de situações que não eram corretas, como a substituição de trabalhadores, e o Jerónimo perguntava-me, em tom de brincadeira, como é que o David Ribeiro iria responder se o quisessem substituir. Ríamos um para o outro e eu dizia: ‘Espera aí um pouco, que eu digo que vou trabalhar. Dois minutos depois de estar no meu posto de comando e a chefia a estação fechava-a porque entrava em greve.’”



SEMÁFORO

Mobilização popular foi reduzida tanto no Entroncamento como na Chamusca



33%

da população do Entroncamento trabalha ou trabalhou no sector ferroviário



O MOMENTO

Gente de pé, a aplaudir Jerónimo de Sousa, pensando que iria abandonar o restaurante. Afinal, a saída, rápida, serviu apenas para... um cigarro